

O Leo Jaime estreia hoje um show intimista no Jazzmania rock no escurinho

SIDNEY GARAMBONE

O rock Brasil com Aids? Morreu e esqueceu de deitar? Doente terminal? Não, não, não, garante Leo Jaime.

— Foi apenas mais uma capa de revista — esnoba o roqueiro. Essas e outras respostas de três acordes poderão ser encontradas a partir de hoje à noite, no Jazzmania, onde o músico goiano apresenta o show mais intimista de sua carreira, interpretando sucessos de outros.

— Antes que digam que é guiada profissional, aviso: apenas um show intimista, sem roteiro e que cabe dentro de um carro.

No caso, os teclados de Glaucon Campello, a guitarra de Billy Brandão, o violão de Leo Jaime, o Glaucon, o Billy e o Leo. De vez em quando, o baixo de Gian Fabra. O repertório vem com Paralamas, Talking Heads, U2, Kid Abelha, Police, Kiko Zambianchi e o que der na telha.

— Para mim, é muito mais difícil tocar no Jazzmania do que num Maracaná lotado.

O show vai ter um leve aroma de resposta para a turma que anda falando mal da geração roqueira de Leo, Herbert, Lobão e Cia. É uma cutucada no preconceito das FMs cariocas e paulistas, que esnobaram solenemente a música "Imoral ilegal ou engorda", composta por Roberto e Erasmo e incluída no último disco de Leo Jaime.

— É uma patrulha absurda. Cazuza e Caetano podem cantar



Foto de Paula Johas

Leo Jaime defende sua geração e diz: "Caetano e Cazuza podem cantar Roberto que todo mundo acha genial"

músicas de Roberto que todo mundo acha genial.

Quando aos mexericos e espetadas na sua geração, Leo é mais incisivo e teoriza:

— Durante anos tivemos uma ocupação na mídia muito grande. Fomos a 500 mil rádios no Brasil inteiro, fizemos todos os programas de televisão possíveis, respondíamos a tudo e a todos. O público se esgotou, nós

ficamos sem tempo para reciclagem e autocrítica. Estamos num rito de passagem. Quantas letras a gente não fez esse pessoal decorar?

O Ibope não contou. Como também não contou o número de pessoas que associam música engaçadinha a Leo Jaime.

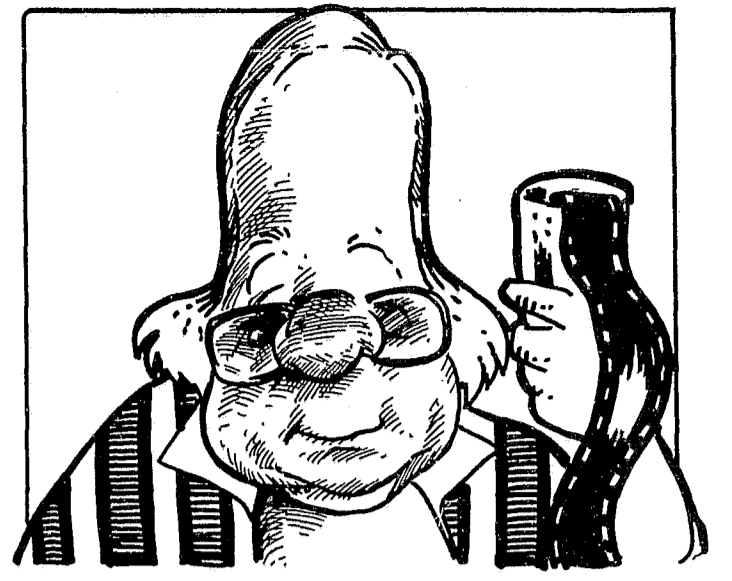
— O grosso do meu repertório não tem humor. Chamo isso de gaiola de ouro. Você é famoso

por certa característica, mas fica preso à ela.

Quando ao rock nascente das garagens e playgrounds cariocas, Leo é sucinto:

— Tem muita gente com talento e sem direção. A gente vai ter que começar a produzir a curto prazo.

Mãos à obra, ora pois pois.



Vinícius e o cinema

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Um dia escreverei sobre os poetas e o cinema. Deixarei para outros examinar os romancistas e o que se chamava esquisitamente de "sétima arte".

Hoje é de Vinícius que se trata. De Vinícius revivido por Carlos Augusto Calil em "O cinema de meus olhos", que reúne uns dez anos de crônicas cinematográficas entre mais de quinhentas que o poeta escreveu.

Começa por aí a recuperação do texto jornalístico, que às vezes é leviano, outras vezes apenas encarado com leviandade, mas que condicionado com bom gosto, ganha suave gravidade.

Bem diz Calil na introdução: Vinícius era basicamente um cronista e não um crítico, se encararmos o crítico como aquele chato que escreve arrevizado para mostrar que é mais inteligente que o público e o autor. Por isto, os textos do poeta são deliciosamente legíveis 50 anos depois. Parece uma conversinha de bar a propósito do filme. Conversinha amorosa de alguém que foi ao cinema conosco.

Entre as crônicas, duas provocam-me pensamentos. Aquela em que cita um comentário de Homero Homem a dizer que se não prestássemos atenção, o Brasil ia acabar entrando na era da televisão sem ter produzido cinema. Frase terrivelmente profética proferida há uns 50 anos, que só não é redondamente verdadeira porque uma meia dúzia de jovens malucos em torno de Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha resolveram fazer seus filmes a despeito de tudo. E enquanto o cinema brasileiro parece (provisoriamente?) ter acabado, a televisão se diversifica e cresce.

Noutra crônica ("Duas gerações de intelectuais") Vinícius faz uma insinuante observação: que os intelectuais brasileiros podem ser divididos entre os que têm sensibilidade cinematográfica e os que dela são desprovidos. Estes eram mais numerosos. E Vinícius vai enumerando seus amigos Rodrigo Mello Franco, Manuel Bandeira, Prudente de Moraes, Pedro Nava, Drummond, e a certa altura diz: "Vejam o poeta e escultor Dante Milano: onde o cinema naquele lirismo? Lúcio Costa, por exemplo: um artista completo, um homem cuja vida é uma força e um exemplo, ser digno e íntimo, a um tempo esquivo e fraterno. Que é do cinema naquele visual? Portinari: outro. Um grande visual sem cinema. Joaquim Cardoso, dos homens dessa geração é talvez o que tem um conhecimento mais intuitivo de arte. Cardoso conhece cinema. O mestre Gilberto Freyre não é cinematográfico de todo. Nem a escola do Recife não é cinematográfica tampouco. Nem os romancistas do Norte não são cinemá-

ticos tampouco. Onde o cinema num Graciliano, num José Lins, num Amândio Fontes? Rachel é a única que vi se interessar por cinema com um certo movimento de curiosidade pela arte em si: mas Rachel é da minha geração (palavra antipática, geração, mas não há outra)".

Isto que está dito aí não significava que as obras desses autores não pudessem ser convertidas em cinema senão que eles não faziam literatura para o cinema, como por exemplo o Rubem Fonseca.

Ao ler Vinícius cinéfilo, lembrei-me que, coincidentemente, no livro "O canibalismo amoroso" havia eu proposto a leitura da obra de Vinícius a partir de um poema onde ele narra um episódio que ocorreu com ele dentro de um cinema. Naquele texto estaria a matriz para entender o imaginário do poeta.

O poema se chama "Desde sempre". E o poeta narra que estava no escuro da sala de projeções. Olhava a tela onde se desenrolava "a beleza suave de um drama de amor". Atrás dele, porém, um casal se entregava a prazeres eróticos. Para ele, essas "vozes surdas, viciadas" produzem algo oposto ao que vê na tela. Na tela, um "casto drama". Atrás de si uma "comédia de carne". Ele faz um paralelo: "cada beijo longo e casto do drama correspondia a cada beijo ruidoso e sensual da comédia". De um lado a pureza, de outro o pecado. E entre a "carícia" imaginária e a "brutalidade" concreta da carne, ele confessa: "Eu me angustio".

E aí a chave para entender a angústia amorosa e metafísica do poeta. Tema que transcende esta crônica.

Esse livro do Calil tem uma crônica curiosa, onde Vinícius apresenta a roteirização do poema "O martelo", de Manuel Bandeira. Ao lado das palavras a indicação das imagens. Este texto fica mais curioso se pegarmos desta vez o poema de Vinícius "Cinepoema", sintomaticamente dedicado a Manuel Bandeira. Claro que esse é um poema para ser filmado. Que o comprovem os alunos dos cursos de comunicação.

Vinícius escreveu sobre cinema, foi representante da censura no MEC, viveu ali em Los Angeles, nas faldas de Hollywood, conheceu Orson Welles e outros, fundou revistas de cinema e teve "Orfeu do carnaval" filmado. Pertenceu a essa geração que cresceu diante das telas de cinema.

O que se projeta sobre a sensibilidade dos artistas jovens hoje?

Aquele cinema do tempo de Vinícius ou acabou, como lembra o filme italiano — "Cinema paradiso", que a todos comoveu, ou transformou-se num show de tecnologia tipo "Exterminador do futuro", inalcançável na periferia do capitalismo.

O melhor do cinema japonês em harmonia com a literatura

ELY AZEREDO

As relações entre cineastas e escritores, freqüentemente conflituosas no Ocidente, são em geral harmônicas na produção japonesa. É o que veremos, de hoje ao dia 28, através dos 11 filmes (com legendas em inglês) da preciosa mostra "Japão: cinema e literatura", no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil). Mais da metade do programa permanece desconhecida de nosso público, por causa da precariedade que sempre acompanhou a distribuição dos filmes dessa origem. A seleção inclui produções de 1956 a 1986. E três são rigorosamente inéditas: "Adeus à arca", "Desde então" e "Mar e veneno". Entre os não inéditos há pelo menos dois grandes títulos: "A mulher da areia", de Hiroshi Teshigahara (Prêmio Especial do Juri em Cannes, 1964), um dos maiores filmes de todos os tempos, obra de gosto kafkiano baseada no romance de Kobo Abe, e "Não esquecerei os mortos"



Cena de "A mulher da areia", filme de 1964 do diretor Hiroshi Teshigahara

(também conhecido como "A harpa de Birmânia" — premiado em Veneza, 1956), realização de Kon Ichikawa a partir do romance de Michio Takeyama. Apresentando a mostra, o ci-

neasta Walter Hugo Khouri, estudioso da cultura japonesa, aponta a literatura como um suporte decisivo da nova arte no Japão: — Desde os autores clássicos,

as antigas e tradicionais lendas e narrativas, os monogatari (contos de aventura, amor e fantasia), a ficção popular dos escritores de aventuras gesaku dos séculos 17 e 18 ilustradas com gravuras, até os autores mais modernos e ocidentalizados.

Há duas chances para não perder o poema antibélico "Não deixarei os mortos": hoje e dia 29. "A balada de Narayama", versão de Keynosuke Kinoshita, amanhã e dia 29. "Miyamoto Musashi: o estilo de duas espadas", de Tomu Uchida, nesta quinta, "A mulher da areia", de Teshigahara, somente sexta. "Espírito de samurai", de Keiji Misumi, e "O Barba-Ruiva", de Akira Kurosawa, sábado. "Kageroza — Estranha visão", de Seijun Suzuki, e "O pavilhão dourado", de Saburo Shinoda, domingo. "Adeus à arca", de Shuji Terayama, dia 26. "Desde então", de Yoshimitsu Morita, dia 27. "Mar e veneno", de Kei Kumai, dia 28.

Uma televisão para a Baixada

O ser humano não é tão inviável quanto parece. A TV Maxxambomba, de Nova Iguaçu, representa há cinco anos o que nas faculdades se chamou televisão comunitária. O nome, esquisitão, é o da antiga estação de trem de Nova Iguaçu. É a idéia, esquisitona, é diariamente, ao escurecer, estacionar uma kombi 79 verde em alguma praça da Baixada Fluminense. Dez minutos depois, um telão exibe em 40

minutos de programação jornalística e cultural colhida em New Iguaçu, Belfort Roxo, Japeri, Queimados, e outros fins de mundo. O referencial, claro, é o Rio. E os cariocas vão poder assistir hoje às 20h30, na Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema, um pouco desta produção. A mostra fica até domingo.

Quando se fala em televisão alternativa e outros papos engajados, a equação é: boas idéias e

péssimas produções. A TV Maxxambomba não. Ela surpreende os moradores de Shangri-lá, Bom Pastor, e adjacências com um programa muito bem editado, pautado e até com recursos de computação gráfica. Luis Augusto Guimarães, o Tigü, iguaçuano e há quatro anos no projeto, explica:

— As exibições eram em recintos fechados e ligado às associações de moradores. Era chato.

Mas desde que passamos às praças, há dois anos, a nossa obrigação é fazer um bom produto para assegurar as 500 pessoas que assistem.

O projeto maxxambombreiro é bancado pelo Cecip — Centro de Criação da Imagem Popular — dirigido por Claudius Cecon. Na equipe, Valtér Filé, Rogério Moreira, Luis Carlos Lima, Elias Campos e Pedro Britto. (Sidney Garambone)

Brasil está fora da seleção dos candidatos ao Oscar de 1992

Trinta e quatro países estão na corrida para o Oscar de filme estrangeiro. O Brasil, mais uma vez, ficou de fora. Nem mesmo "A grande arte", de Walter Salles Jr., anunciado como um dos prováveis candidatos, entrou na lista dos semi-finalistas, da qual saíram os cinco indicados.

Entre os 34 filmes — de países tão diferentes como Taiwan e Israel — estão o novo Pedro Almodóvar, "Tacones Lejanos", o polonês "A dupla vida de Verônica", premiado em Cannes 1991, "Rapsódia em agosto", de Akira Kurosawa, e o belga "O homem com duas vidas", que estreia sexta-feira no Rio.

Karen fica parálitica em 'O dono do mundo'

As cenas sigilosas são maioria no último capítulo de "O dono do mundo". No mesmo estilo "quem matou Odete Roitman", Gilberto Braga deixou para revelar a verdadeira identidade do homem misterioso e o destino de Ester (Odete Lara) e Darci (Antônio Grassi) no início de janeiro, a quatro dias do fim da novela. Nem o elenco sabe o que vai acontecer com estes personagens. O autor optou pelo segredo absoluto para garantir várias surpresas aos telespectadores. Para dupla Karen (Maria Padilha) e Constância (Natália Timberg), a vingança será maligna. Enquanto a primeira fica sozinha, louca e parálitica, ampa-

rada por Araci (Betty Erthal), a outra é despejada do apartamento onde mora, virando alvo de chacotas das empregadas do prédio. Felipe Barreto (Antônio Fagundes), por sua vez, é desmascarado por Márcia (Malu Mader), mas não perde a pose, já que vai continuar investindo em um casamento milionário, com a filha de um industrial carioca.

O homem do isqueiro preto pode ser qualquer um dos personagens que não têm um destino programado no capítulo 198. O maior suspeito é Darci, que até o fim da novela receberá inúmeros telefonemas misteriosos. Por outro, a personagem de Odete Lara também entra na lista, já que não é citada no script.

NA TIJUCA TUDO A PREÇO DE FÁBRICA!

PROMOÇÃO DE INAUGURAÇÃO

Calça Linho Braspérola a preço de custo

Linho Misto Perolin a preço de custo

Calças a partir de 23.000,

ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO

Rua Santo Afonso, 445 L.J.M. Tel. 254-6681 — TIJUCA

Ruban Bleu

PROMOÇÃO FESTAS

Blusa escócia	12.000	Blusa seda pura	49.000
Bermuda linho	29.000	Conj. sata jeans	55.000
Blusa bordada	18.000	Training verão	49.000
		Conj. malha estamp.	39.000

Sábado até 18 hs.

Copacabana Ipanema Leblon